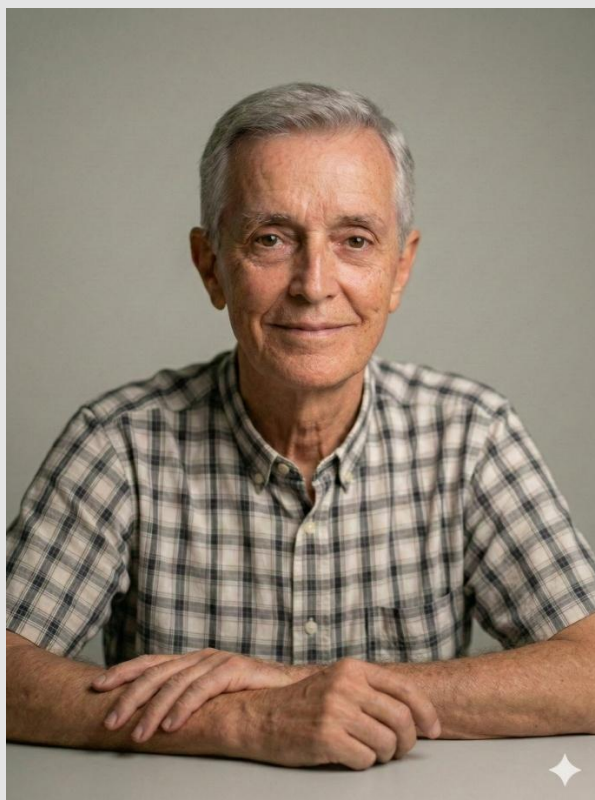


Entrevista com Francisco Portugal Guimarães

Interview with Francisco Portugal Guimarães

Myriam Salomão¹



Crédito da Foto: do autor

Francisco Portugal Guimarães nasceu em Feira de Santana (BA), em 1947. Mudou-se para Salvador no início da década de 1960 e formou-se em Arquitetura pela Universidade Federal da Bahia (1972). Após a graduação, realizou especializações em Planejamento Urbano e em Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos (1984–1985), na UFBA, e em Cultura e Arte Barroca (1985–1986), na Universidade Federal de Ouro Preto, em Minas Gerais. Atuou no Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC)

¹ Myriam Salomão é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG e professora no Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.

entre 1974 e 1994 e, posteriormente, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em Salvador, onde chefiou a Divisão Técnica de 1994 a 1998. Em Salvador, teve sua atuação mais longa como diretor do Museu de Arte Sacra da UFBA, de 1998 a 2022. Doutor em Artes Visuais pela UFBA (2016), pesquisou relíquias e relicários em Salvador.

Nesta entrevista, Francisco Portugal revisita sua trajetória e reflete sobre as experiências que o aproximaram do patrimônio histórico e da arte sacra desde os anos de formação.

1. Se tivesse que identificar uma experiência, encontro ou descoberta — ainda antes de sua atuação profissional — que marcou o início de sua relação com o patrimônio e a arte sacra, qual seria?

As visitas realizadas em monumentos históricos arquitetônicos em Salvador e em cidades históricas do interior durante o curso de Arquitetura, despertaram um grande interesse por esses representantes da nossa memória cultural, inclusive pelos acervos de arte sacra encontrados nas Igrejas e Conventos.

2. Ao observarmos sua trajetória profissional, percebemos que sua atuação no campo da preservação patrimonial foi bastante ampla, não se restringindo à arquitetura, mas abrangendo também a museologia e objetos devocionais, como relíquias e esculturas. Como se deu o início dessa trajetória após sua graduação em Arquitetura?

Quando trabalhei na Secretaria de Planejamento e Tecnologia da Bahia (SEPLANTEC) em 1974, num encontro casual, um colega da faculdade, que ocupava um cargo de chefia no Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), convidou-me para conhecer o trabalho realizado pelo Instituto.

Fiquei bastante impressionado com a política sociocultural do IPAC na preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural baiano, não só dos bens imóveis, mas também dos bens móveis. Fui, então, convidado e aceitei o trabalho como arquiteto no órgão, iniciando, assim, a minha trajetória na preservação do patrimônio histórico do estado.

3. Entre os cursos e especializações que realizou, qual deles lhe forneceu mais subsídios para definir sua atuação na preservação do patrimônio histórico e artístico?

O curso mais relevante para a minha atuação na preservação do patrimônio foi Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos, realizado na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

4) Houve experiências profissionais ou mestres que foram decisivos na consolidação de seu interesse pela preservação do patrimônio?

Entre alguns, foram significativos para o meu interesse pelo patrimônio, os professores Américo Simas Filho, o arquiteto Fernando Machado Leal e a professora Maria do Socorro Targino Martinez.

5. Sua atuação como diretor do Museu de Arte Sacra da UFBA foi longa — de 1998 a 2022, mais de duas décadas de dedicação. Como foi assumir essa direção?

Um desafio! Estava no IPHAN como Chefe da Divisão Técnica, quando, em 1998, o diretor do MAS, o professor Eugênio Lins, convidou-me para substituí-lo no seu afastamento para o doutoramento em Portugal. A familiaridade como dirigente, além da experiência em trabalhos de restauração em monumentos históricos, e sendo o imóvel do MAS, a Igreja e o Convento de

Santa Tereza tombados como patrimônio nacional, e também com a experiência como coordenador do Centro de Restauração de Bens Móveis (CERBA) do IPAC, me levaram a aceitar o convite e iniciei a minha gestão na direção do MAS.

6. Quais foram os principais debates que orientaram a preservação de um acervo de arte sacra como o do MAS durante sua gestão?

Quando assumi, o Museu já possuía um ateliê de restauração desde a sua fundação em 1959. Na minha chegada, já contava com restauradores concursados. Essa equipe foi ampliada com a contratação de outros restauradores prestadores de serviço. Desse modo, o MAS já possuía uma política de restauração de bens móveis consolidada, que foi mantida e ampliada com a chegada de peças trazidas de igrejas e conventos de Salvador, a maioria em estado precário de conservação. Na gestão dessa ampliação do acervo, demos ênfase na conservação preventiva e na restauração das peças que necessitavam desses trabalhos. Todas essas ações eram discutidas entre a direção e a equipe de restauradores na definição da metodologia mais adequada aos objetos a serem trabalhados, adotando-se a mais conveniente a cada caso.

7. Quais foram as principais dificuldades enfrentadas ao longo de sua gestão no MAS?

As mesmas das universidades públicas brasileiras: apoio da universidade, porém sem recursos suficientes para os trabalhos de conservação/restauração do imóvel e do acervo sacro do museu, composto por peças pertencentes à UFBA, Igrejas e Conventos da Bahia vinculados à Arquidiocese de Salvador. Isso levou à busca de recursos com empresários baianos, instituições públicas e privadas do país, Fundações, a exemplo da Fundação Vitae, Lei de Incentivo à Cultura, emendas Parlamentares, entre outros.

8. Como o senhor avalia o papel da direção de uma instituição museológica diante das pressões políticas e econômicas nos desafios da preservação patrimonial?

Num país em que, tradicionalmente, os poderes públicos dominantes não priorizam a educação e, conseqüentemente, a cultura como base para a construção da consciência da cidadania e consolidação da memória nacional, fica muito difícil, tenso e angustiante para um dirigente da área cultural conduzir o funcionamento da instituição que dirige, buscando inseri-la como polo de referência da nação, centro de conhecimento e aprendizagem, inclusão social e catalizadora de ações estratégicas vinculadas às políticas de incentivo à educação, à cultura e ao turismo, sem apoio de recursos necessários à efetivação dessas ações.

9. O que lhe trouxe — e ainda lhe proporciona — maior satisfação em seu percurso profissional?

A certeza da opção pela minha formação em Arquitetura e seu desdobramento para a área direcionada à preservação do patrimônio histórico e cultural.

10. Qual trabalho ou realização teve maior repercussão em sua trajetória?

A responsabilidade técnica pela restauração arquitetônica da Igreja e Convento de Nossa Senhora dos Humildes em Santo Amaro da Purificação, BA, consolidou meu aprendizado na prática da restauração de bens imóveis, por ter realizado todas as ações possíveis em um monumento bastante comprometido.

11. O campo do restauro é atravessado por tensões entre conservação, reconstrução e atualização funcional. Como o senhor compreende hoje os limites da intervenção?

Compreendo que os limites da intervenção no restauro devem ser entendidos com regras menos rígidas, porém com equilíbrio ético entre preservar a autenticidade, garantir a legibilidade histórica e permitir o uso contemporâneo. Desse modo, entendo que, para sobreviver, é imprescindível ao bem patrimonial ter uma função. As adaptações, porém, devem ser aceitáveis quando não destroem elementos essenciais, claramente identificáveis e garantem continuidade de uso e manutenção.

Intervir apenas quando necessário e para evitar a restauração, é fundamental uma rotina sistemática da conservação preventiva como meio seguro de manutenção do bem. Entretanto, quando inevitável, não existe uma fórmula universal, pois cada intervenção exige leitura histórica, material e cultural específica, definindo, desse modo, o limite da intervenção.

12. O que permanece, para o senhor, como o sentido mais profundo de ter dedicado a vida ao patrimônio e à arte sacra?

Permanece a convicção de que o patrimônio civil e o religioso são pontes entre o passado e o presente. Ao preservá-los, ajudamos a manter viva a identidade de um povo. Mais do que conservar monumentos e objetos sacros, foi uma missão de proteger a memória, a história e a cultura que moldaram nossa sociedade.

Respostas enviadas no dia 18/02/2026;

Transcrição; revisões e correções concluídas em 18/02/2026.